

No quarto do hotel, à minha frente, apresentou-se: o cicerone. Pele desbotada, gogó sobressaltado, cabelos ruivos, rentes, parecendo um penacho, ou uma crista de galo. Enquanto ele enrolava-se em explicações e medidas, eu rodopiava pelo quarto, um tanto entorpecido ainda pela desmedida alcoolização da noite anterior. Já mais refeito, após gelados goles de um suco de laranja descerem pela garganta seca e irritada, lembrei-me da estranha ocorrência na rodoviária, quando o cicerone, dedo em riste, também se adiantava para dizer algo.

- Pode falar - eu disse. Mas ele insistiu em ceder-me a vez.

Então narrei:

- Pois aconteceu algo engraçado, quando cheguei. Não é que um sujeito me confundiu com um marinheiro sueco. Onde é que ele tirou isso da cabeça?

Aí percebi que o ruivo estava lívido, enrijecido, na poltrona.

- Que é que houve? - perguntei.

- Era exatamente o que eu ia lhe contar.

- O quê?!

- Só que aqui no hotel. Quando cheguei e pedi o número do meu quarto, na portaria, o encarregado me perguntou se você não era um... Marinheiro Sueco!

ANDANÇAS

O resto do dia foi confuso e atordoante. Sucessão de maçantes conversas e caras e risos espelhados em insípidas bebidinhas. *Escoltado por um rumoroso grupo de pessoas passa o visitante por diversos pontos da pequena cidade, sob o controle interrogativo de sobranceiras postadas à beira das esquinas.* Daí resolvi caminhar a sós e só a custo consegui me livrar do pegajoso cortejo liderado pelo espantado cicerone. *Passos rumo sul, depois sueste, circunvolução em torno de ambíguas formas arquitetônicas.* Um refrescante vento norte ameniza agora a tarde cinzenta. Sons de serraria. Longínquos golpes de martelo ecoando na tarde. Futebolísticas vozes juvenis. *Volta o desconhecido várias vezes aos mesmos locais, suscitando novos comentários dos cidadãos, já em trânsito para os seus postos vespertinos. Mas ele prossegue: habituais óculos escuros, traje extravagante, a figura excêntrica para os olhares provincianos.* Mas eu já estava arrependido de ter vindo, só que agora não era mais possível o retorno. E divisava, na quebra das esquinas, o amarelado penacho do meu anfitrião querendo me localizar. Depois, ao me refugiar numa barbearia, mais uma vez passo a ser personagem da já repetitiva coincidência:

- Ah, o Marinheiro Sueco... pois não. Tenha a bondade.

E, ao cair da noite, novamente envolvido com o mesmo grupo anterior, na revigorante atmosfera de um bar beira marinho, me encontrei outra vez vagando em distanciados horizontes:

- Marinheiro Sueco?... Por que não?... Quem um dia já desvendou a sua verdadeira identidade no espaço?

O FIGURÃO

Então, de repente, sem que eu ao menos pressentisse, irrompe no bar, vultuando num traje negro, o todo calvo e roliço figurão e surpreendi-me, numa fâsca de segundo, por ainda não estar desorientado dos rumos, pois nunca houve outro assim, tão nefasto, aziaga presença!

Rememorando: Terrível arruaça e pancadaria, também num bar de cidade estranha, no encontro anterior. Cadeiras voando em espalhafatoso espocar e ele, sorrateiro, refugiado num canto. Em outra ocasião: viro-me, repentinamente, numa festa, e explode, de chofre, o murro em meu rosto. E agora estava ali, oferecendo-me a mão, com ar de falsidade:

- Você também por aqui... é muita coincidência...

Logo vai se reapresentando e silenciando o resto da roda, com a sua cascadeante loquacidade, o cacarejante fanfarrão, bufanístico: narinas enormes, orelhas em abano, pontiagudas. A reluzência de uma bola de bilhar, a careca integral. E nem sobranceiras: apenas o roxo-balançante sinal, abaixo do olho esquerdo.

Depois, numa repentina postura de seriedade, aproxima-se gesticulando explicações ao meu ouvido (chispas de falsidade lucilando olhos adentro) e tenta me convencer de que de nada tivera culpa, dos violentos incidentes anteriores, que as coisas rompem num golpe, os imprevistos aconteceres. Mas logo muda de tom:

- Vamos cair fora daqui. Quero que você conheça pessoas de importantes...

E quando já saíamos, burlando o bando, rentes por um corredor de trás, seus olhos de víbora, num torcer de pescoço, informam:

- ... um festival de bois de mamão, hoje à noite, lá no outro lado do rio.

E, envolto num soslaio sorriso, que rutilantemente emerge da escuridão, acrescenta:

- É um bom programa.

(E eu me deixava conduzir para não desordenar o prosseguir dos ocorreres. Fui, então, levado a uma velha casa, que parecia imune ao passar do tempo).

NA VELHA CASA

Num multicolorido cenário de altos tetos palestram ocas rodas ressoantes / olhares soltos / risos falsos / o passar deslizante de sedas e cetins / aceita mais uma bebida? / quando chegou? / rica prataria / castiçais ornamentais / candelabros / enfeites barrocos / cômodas coloniais / floridas paredes / gastos corrimãos / múltiplas fragrâncias exalantes / folhagens / cumprimentos / encenações / vitrais resplandecentes / cadeiras austríacas / poltronas aveludadas / reposteiros / purpurinas luzes / cambiantes cores / presas a longínquas poses impostam-se póstumas figuras emolduradas em retratos a óleo, contrastando com as risonhas e maquiadíssimas faces femininas que desfilam pelos múltiplos salões / vinhos de antigas safras européias inebriam os sentidos / sons de piano e vozes dispersas / o écran da noite fixado em ancestrais memórias / a brisa aromática do jardim enfunando-se janelas adentro

Após os cumprimentos de praxe, me vi logo rodeado por desconhecidas e elegantes figuras. Enquanto isto o meu calvo companheiro já saltitava de roda em roda, contaminando a todos com as suas invencionices. Agora é o magro empertigado, de finos bigodes sedosos, puxando conversa:

- A sua vinda tem despertado muitos comentários, murmúrios...

- Não ficarei mais do que o necessário.

Nisso, uma feminina e estridente gargalhada ecoa por todos os cantos e corredores, sob o olhar desaprovador da velha dama, de leque aberto à mão. Aí, de repente, me surpreendi perorando em alta voz para o grupo atento:

- Na verdade, como saber quem somos? Não será tudo um equívoco, nós apenas uma pálida projeção daquilo que realmente deveríamos ser?

Logo depois (ou muito tempo depois?), me vi folheando um envelhecido

ÁLBUM DE RETRATOS

: reproduções de nostálgicas reminiscências / gestos e momentos passados e repassados / antigas efemérides e fortuitas alegrias

Mas onde já vista, esta mesma fisionomia? No meio de um grupo de meninas enfileiradas, lá está ela, de tranças, a face delicada e suave destacada num círculo indicativo.

Noutra página, aparece já adolescente, num traje de festa, a ondulância dos seios salientando-se sob a blusa branca.

Na continuidade das amareladas folhas, ei-la num balanço, em pleno vôo, fixada a um riso de susto: os cabelos esvoaçam à sombra de uma mangueira e o vestido franjado (ligeiramente remexido pelo vento) desperta a alvura de recém-alongadas pernas.

Então perguntei para a gorda senhora, dona da casa:

- Onde andarás, agora, esta linda jovem?

- Pois sou eu - respondeu ela, ou fui eu, essa moça, um dia...

Depois disso, perdi-me em outros lugares, outras motivações. Sei que a mais desejável presença feminina da cidade, hábil em todas as carícias possíveis, foi colocada à minha disposição e que não desdenhei tal oferta. Lembro-me também de um bar chamado

BAR BÁLTICO

- Ao Marinheiro Sueco, um brinde!

Caras e risos em redemoinho, o repicar respingante do bater de copos.

- E por que não? Por que não podemos todos ser marinheiros, (tateando em busca dos nossos próprios desígnios... companheiros-passageiros do mesmo barco, rumo ao infinito), pois se todo um desconhecido território ainda precisa ser conquistado e desbravado?

O viajante fala, aceita-se, os olhos congestionados, a voz pastosa e enrolada:

- E as viagens sempre me fascinaram...

O bar, de penumbrantes luzes e viajadas garrafas, quadriculadas toalhas, biombos, mulheres de faces curtidas e luzentes vestes, bóias e rótulos de distantes países e estrangeiros idiomas adornando as paredes.

- ... e a vida é a grande Viagem!

- Mais um brinde!

- Viva o Marinheiro...

- ... o Sueco!

Subitamente me senti perdido em minhas próprias lonjuras: - “Marinheiro!?!..” - Até que uma voz ressoou nos meus ouvidos:

- Vamos sair... o festival...

E fui conduzido para outro lugar.

O ESPETÁCULO

O cortejo notívago avança pelas ruelas espremidas do cais, as sombras debatendo-se nas paredes, as águas carcomendo velhas pilastras de quase apodrecidos trapiches. Numa baleeira seguimos o rorejante rio

em curso, já quase totalmente absorvido pelo mar. No outro lado o vulto das árvores, na noite fechada e a pontilhação das luzes, em esparsas lucilações. Lá a festividade e, de longe, ouvia-se o batucutucum dos tambores. Subindo a pequena encosta, no escuro, quase só se percebia o contorno dos troncos e das folhagens.

Subitamente me vi enrodilhado numa ruidosa assistência em roda e, sob uma fileira circular de lâmpadas e papezinhos multicoloridos, as danças, a representação, os cantos em coro:

*“Vem cá meu boi, vem cá,
Atravessa no caminho
E não deixa ninguém passá...”*

A carcaça de madeira pula e volteia-se bamboleantemente, a postiza postura, os olhos mortos, as pernas de gente:

*“Vem cá meu boi, vem cá,
Atravessa numa lagoa
Onde nunca ninguém passô,
Sete correntes que tinha,
Todas sete arreventô...”*

Os animais de pano e massa sucedem-se no vai-e-vem rítmico, fantasiadas e gigantescas figuras girando sem rumo, o trotar do cavalinho e seu cavaleiro enchapelado:

*“O meu cavalinho
Vem tem que vir,
Que a viagem é longa,
Temos que seguir...”*

E, aos pulos e pinotes, com a sua enorme bocarra de jacaré, entra em cena o bicho amedrontador:

*“A bernunça vem chegando,
Espalhando toda a gente,
É o bicho que alvoroça,
Quando chega de repente...”*

A corcoveante figura explode em saracoteios, abrindo clareiras de risos-gritos-correria no amontoamento em roda:

*“Olê, olê, olê, olê-olá,
Arreda do caminho
Que a bernunça qué passá...”*

Mas, com aquela agitação, quando dei por mim, estava perdido de todos os meus companheiros...

*“Oi que o bicho vem
Ei cabra, ei cabra...”*

E, repentinamente, sem saber como, me deparei presenciando estranhos ritos num local enfumaçado e de poucas luzes. Mas que espetáculo era aquele?

Que espetáculo é este?? : no meio do amontoamento um bode preto esperneia com fúria, ao ser arrastado até um altar que fica ao fundo, no mesmo momento em que, como num sortilégio, surge naquele cenário a figura toda de preto, com a face encoberta por um pontiagudo capuz, que só deixa à mostra dois fagulhentos olhos dementes, tendo na mão esquerda um reluzente facão, com o qual, num golpe único, preciso, faiscante, sacrifica o animal, o sangue, logo em seguida, recolhido numa tigela e servido, de mão em mão, para alguns poucos que estão sentados numa retangular mesa de pedra, mas outros participantes, que estão em pé também querem beber e apertam-se, congestionados, num insaciável empurra-empurra, a hipnotizadora cor escarlate do sangue quente, coalhada de mil brilhos, magnetizando os olhares e sentido e todos entrando em transe, contaminados, possuídos, ao ritmo de uma alucinada batucada, o ar azulado, febril, sob luzes trêmulas de velas e lamparinas e eu, no meio daquele balanceio querendo me escapular, quase asfixiado pelos entontecedores aromas que envolvem a atmosfera, até que, como ponto culminante uma adolescente nua de olhos vendados (os seios rígidos como mármore, o triângulo pubiano nitidamente delineado sob tênues pêlos) é trazida num cortejo de figuras encapuzadas, formando uma interminável fileira de círios e luzes - mas o que é isto?, o que pretendem?, o que vão fazer com ela? – e de onde a reconheço? - a palidez da face impassível, os cabelos negros, de tranças - de tranças??? - e algo pulsava insistentemente em minha memória - mas não pode ser, que sensação é esta?, em que tempo já nos antevimos?, mas não, não é possível, não pode ser a MENINA DO RETRATO??? e eu vou me aproximando, chegando cada vez mais perto de seus braços roliços e alvos, o corpo já todo bem torneado - mas o que é isto, o que pretendem, o que vão fazer com ela? - e, num rompante, desvendo dois arregalados e imobilizados olhos negros (focos de infinitas constelações), quando ela, parecendo sair de um estado hipnótico, encara-me assustada, como se tivesse visto uma aparição e vai se afastando, as feições eriçadas, os olhos convulsionados, até abrir uma brecha entre os corpos e lançar ao ar um cortante grito...

- O que-que foi, o que aconteceu?

- É o sueco, o marinheiro, perturbando a mocinha.

- Marinheiro sueco, coisa nenhuma! - retumba uma voz, saindo da multidão, acrescentando enquanto se aproxima:

- Muito me surpreende o seu patético comportamento.

Era o - sacerdote? - que, ao chegar à minha frente, tirou o capuz e uma calva cabeça reluz e seus olhos fitam-me diabolicamente. E desta vez...

A PERSEGUIÇÃO

Aí a loucura, o bafo quente de toda aquela gente me encurralando, vozes e vultos fechando o círculo, *cercando o desconhecido*.

(Mas o que eu via agora, na seqüência linear dos fatos, era a anterior roda de boi de mamão, com todos novamente presos à - normalidade?)

- Este cara aí, perturbando a mocinha.

- Ei, esperem aí!...

- Vamos dar um jeito nele...

- ... não foi nada disso...

- ... agarrem, peguem, não deixem ele fugir!

Mil mãos, como garras, tentando me prender, eu me soltando num supetão, o escuro da mata, o rio murmurejando ao longe, *pernas em atropelo, o fugitivo se despencando ladeira abaixo*, já não mais dono de mim, o arranhar de galhos e folhagens, o ardume no rosto, descendo a encosta num ziguezague desabalante, o tropel ensurdecador do bando logo atrás,

- ... peguem, agarrem, linchem!!!..

Corpos e sombras convulsionando a noite, sons em revoada, eu olhando pra cá, pra lá, bicho tonto em busca de um ponto-esconderijo naquele negrume, enquanto fachos de luz explodiam na mata em desvario, até que, quase no fim da descida, consegui me refugiar entre arbustos, eles se espalhando em grupos, - ... não deve estar muito longe, não pode ter fugido... o estrépito de cascos em polvorosa e eu entocado, arfante e silencioso, estremecendo com o ribombante passar do perseguidores, mil coisas perpassando, latejando na mente, o dia reprisado em imagens aceleradas, **navios perdidos em furiosas tempestades, o alucinado gargalhar de miríades de faces marinheiras, todas, ao mesmo tempo, uma só face**, eu nada mais vendo ou pensando, a secura e o amargor na garganta (como sair daqui?), só o cheiro do rio, magnetizando-me.

Então, de repente, o rumor de uma canoa chegando na margem. Aproximei-me, submergido às sombras da madrugada. Rasgos de meia-lua burlam a vigilância das nuvens, lançando reflexos na água em curso, que chega à areia num sereno murmurinho. Lá o canoeiro, iluminado pela luz recém-aparecida, puxando a embarcação para cima. E, como um gato flechando a noite, surpreendo o homem:

- Toca pro o outro lado!
- Mas o-que-o-que-o-quê, o que é isto???!!!

Da ribanceira bruxuleiam luzes e vozes em sobressalto:

- ... deve estar por aí...
- ... não pode ter sumido...

Aí o pobre diabo olhou-me todo arregalado, em meio-gesto de querer fugir e eu já não mais titubeando:

- Toca senão recebe bala!

O dedo feito arma, apontado, enganoso, naquele escuro e ele aprontando a canoa num já.

Neste mesmo momento desbarrancam os perseguidores, cada vez mais à cata de violências e desmandos. Mas nós já na água, uma protetora lua se escondendo de novo, eles não nos podendo ver, a não ser o vago rumor da canoa.

- Eiiiiiii - gritaram os de lá para o canoeiro -, não vistes um sujeito escondido por aí?

(“Se disseres alguma coisa te furo a garganta”- falei, refugiado no oco da encharcada e frágil embarcação. E o velho obedecendo:)

- Não vi nada, não sinhori. Comé que vai se vê vivalma, aqui neste breu?

Numa ligeira espiada, reconheci todas as faces que me recepcionaram durante o dia - inclusive o amarelado penacho do meu anfitrião -, fazendo parte da turba.

Depois, a canoa seguindo em suave remanso, os distantes reflexos diluindo-se no espaço.

No outro lado as ruas desertas, silenciosas. Sons de sinos longínquos e o apito de um navio confundem-se no alvorecer. *Apenas um marinheiro avança rapidamente pelas ruas do porto.* Sonhos agitados povoaram a minha mente...

Um navio parte ao nascer do novo dia. (1975)

(Conto publicado originalmente na revista Ficção, Rio de Janeiro, março de 1976.

Incluído na antologia “Este Mar Catarina”, Editora da UFSC, 1984).